

Os clubes e bailes *blacks* de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa

Petrônio Domingues¹

Resumo: A proposta deste texto é abordar a história dos clubes e bailes promovidos pelos negros em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, a partir da chamada “imprensa negra”. Entre outros aspectos, serão discutidos a organização e o perfil destes clubes e bailes, sua clientela, dinâmica de funcionamento e as razões de sua existência.

Palavras-chave: população negra, clubes, bailes.

Abstract: The proposal of this text is to board the history of the clubs and dances promoted by the black men in Sao Paulo in the first decades of the century XX, from the called “black press”. Between other aspects, there will be discussed the organization and the profile of these clubs and dances, his customers dynamic of functioning and the reasons of his existence.

Key words: black population, clubs, dances.

O Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos foi fundado em São Paulo no dia 15 de novembro de 1908, por iniciativa de um grupo de jovens negros que, cientes do racismo praticado por vários clubes de brancos, resolveram investir energia, tempo e vontade na construção de um espaço próprio para animar as atividades sociais da comunidade negra. A partir de 1909, quando a primeira diretoria tomou posse, o Kosmos – como era mais conhecido – começou a despertar a atenção de uma parcela da “população de cor” e, aos poucos, tornou-se uma espécie de referência a ser seguida pelas demais. Promovia freqüentemente bailes, convescotes, saraus e sessões teatrais com atores da própria agremiação. Suas atividades recreativas e culturais eram caracterizadas pelo espírito de elegância e moralidade.

Kosmos, porém, não era o único clube desse gênero; surgiram o Elite da Liberdade, 15 de Novembro, São Geraldo, Flor da Mocidade, Princesa do Norte, União da Mocidade, 13 de Maio dos Homens Pretos, Auriverde, Califórnia, Barão do Rio Branco e dezenas de outras sociedades recreativas. Tomando-se por base a constância com que elas apareciam nos jornais da “imprensa negra” paulista no início do século XX, Regina Pahim Pinto inferiu que a “população de cor” mantinha uma “intensa vida social” (PINTO, 1993:74). A autora tem razão. Desde o início daquele século os jornais da imprensa negra noticiavam a vida dos clubes fundados por e para os “homens de cor”, como se dizia na época. Alguns se

¹ Doutor em História (USP); Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

notabilizaram, pelo número de acontecimentos em que se envolviam ou animavam, ou pela recorrência e espaço que tomavam dos jornais. Outros clubes eram menos atuantes, posto que eventualmente foram objeto de notícias e informações.

A organização e estrutura desses clubes não eram padronizadas. Mas, em linhas gerais, pode-se dizer que alguns mantinham um quadro administrativo, formado por diferentes cargos (presidente, secretário, tesoureiro, diretor, entre outros).² As agremiações mais equipadas tinham um estatuto registrado em cartório, regulamentando a natureza, a estrutura, os objetivos e as ações da entidade; os direitos e deveres dos membros associados, bem como as regras para a sua admissão, frequência e expulsão. Já as agremiações mais modestas não reuniam forças para criar um estatuto, atuando na informalidade.

Tendo em vista as manifestações que podem singularizar um grupo no seio da sociedade, alguns clubes criaram símbolos diacríticos, como bandeira, hino, logomarca e cartão de identificação. Os mais organizados mantinham sedes sociais próprias, normalmente situadas na região central da cidade, para facilitar o deslocamento dos associados procedentes dos diversos bairros. Contudo, muitos clubes não contavam com uma sede própria para realizar seus eventos sociais, o que os obrigavam a alugar salões.³ No que tange às fontes pagadoras das despesas, essas agremiações se mantinham, fundamentalmente, por meio das mensalidades dos sócios, venda das entradas para os bailes e doações diversas. Quanto à área de atuação, os clubes eram ecléticos. Às vezes desenvolviam atividades de caráter recreativo, desportivo, dramático e dançante. Às vezes se dedicavam apenas a uma, ou mais de uma dessas áreas de atuação. Promoviam uma miríade de eventos: bailes, convescotes, excursões, concursos de beleza, quermesses, homenagens às personalidades e aos outros clubes, competições desportivas, saraus, chás, apresentações musicais, encenações de peças teatrais, festas carnavalescas e grandes solenidades nas datas significativas para a população negra, como o 13 de maio, data da abolição da escravatura. Em tais ocasiões, os oradores das agremiações proferiam discursos celebrativos aos “imortais” abolicionistas ou à amada terra *brasilis*. Em seguida, ocorriam sessões de declamação, performance dos “corpos cênicos” e, para encerrar as solenidades, os concorridos bailes.⁴ Sem sombra de dúvida, os *soirées* dançantes – como também eram denominados os bailes – constituíam a atividade social mais divulgada na imprensa “dedicada aos homens de cor” (ANDREWS, 1998).

² *O Clarim*. São Paulo, 02/03/1924, p. 4.

³ *O Clarim*. São Paulo, 25/01/1925, p. 4.

⁴ *O Clarim*. São Paulo, 06/01/1924, p. 4.

Na primeira página do jornal *O Alfinete*, um articulista denunciava a dificuldade de “nossa classe” abrir mão “de um baile ou um espetáculo dramático, para socorrer um enfermo ou manter uma causa de utilidade”. Durante a semana, os elementos da “classe” freqüentariam bailes, arrematava “uma flor por 5 ou 10\$000 ou mais, somente para dançar com esta ou aquela dama”, porém se recusavam a socorrer aqueles necessitados.⁵ Lendo a contrapelo essa questionável denúncia, percebe-se como os bailes atraíam a atenção dos negros, de várias idades, gerações e situações sociais. E não é para menos. Praticamente todos os clubes investiam nos bailes, sendo que “a grande maioria funcionava, exclusivamente, em função desta modalidade de lazer” (PINTO, 1993:82). Esses bailes ocorriam periodicamente e eram animados pelas músicas orquestrais, *jazz bands* e neles se dançavam valsa, fox trot, ragtime, polca, mazurca. Em alguns clubes, os bailes eram divididos por faixa etária, cabendo aos jovens participarem da “matinée” (DOMINGUES, 2004).

Como já foi dito, o Kosmos se destacou por ser uma agremiação na qual prevalecia o espírito de elegância e moralidade. Em seus bailes, era comum haver uma comissão de porta, designada pela diretoria, para receber os freqüentadores e, eventualmente, impedir a entrada de elementos indesejáveis. Todavia, zelar pela boa imagem não foi uma preocupação exclusiva do Kosmos. Em outros clubes, os bailes desenvolviam-se a partir de um rigoroso código moral. Quem o desrespeitasse podia ser sancionado e, no limite, excluído do quadro associativo. Eram expulsas aquelas pessoas cujo comportamento era tido como indecoroso e incompatível com os princípios fixados nos estatutos da agremiação. Ao pesquisar um desses bailes nos anos cinqüenta, Renato Jardim Moreira observou que o puritanismo exacerbado ainda persistia. No baile por ele visitado havia uma proibição explícita da prática da dança do “quadrinho”, sendo esta associada ao “modo de se dançar samba na gafieira”. Os freqüentadores também eram advertidos, por meio de mensagens sobre as mesas, acerca do tipo de conduta que se desejava: “mantenham a ordem, respeito, educação e compostura” (MOREIRA, 1956). O Kosmos igualmente proibiu, em seus bailes, a prática de algumas danças populares. Foi o que ocorreu quando apareceu em São Paulo uma dança intitulada bataclan, considerada “imoral” pelos diretores da entidade. Não obstante, essa proibição gerou protestos por parte dos associados, que consideravam a medida injusta.⁶ Um associado então resolveu ignorar a decisão e, no meio de um baile, “tirou uma dama, talvez de temperamento

⁵ *O Alfinete*. São Paulo, 12/10/1918, p. 1.

⁶ *O Kosmos*. São Paulo, 18/05/1924, p. 1.

igual ao seu [...] e iniciou uma bela polca bataclânica”.⁷ Tal atitude foi visto como uma afronta pelos diretores do clube e, como era de se esperar, o rapaz foi exemplarmente punido.

Considerações finais

Apesar das diferenças entre os múltiplos clubes sociais soerguidos e mantidos pela “gente de cor” em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, é lícito afirmar que eles contribuíram para a construção de uma identidade negra, “de um nós negro em oposição ao branco, sendo, portanto, essenciais para a formação e consolidação de um grupo étnico negro” (PINTO, 1993:77). Isto fica mais evidente quando se sabe que, além das atividades recreativas, muitos clubes incluíram em seu projeto o debate da questão racial.

Com efeito, os negros ligados a esses clubes se sentiam diferenciados e procuravam ostentar símbolos de distinção, não apenas nas roupas que trajavam nos eventos sociais, como ainda, e principalmente, no comportamento. Era imperioso se comportar de acordo com as regras de etiqueta, polidez e boas maneiras e, ao mesmo tempo, desvencilhar-se da imagem de vadio, bêbado, analfabeto, brejeiro, xucro, imoral, deselegante, ou seja, livrar-se dos estereótipos negativos tradicionalmente associados ao negro, daí o rigor na apropriação dos códigos de condutas considerados modernos. Não se tratava de embranquecer – como algumas pesquisas vêm sugerindo –, entretanto, sem perder de vista uma identidade diaspórica, espelhar-se no que havia de civilizado naquele momento.

É verdade que a modernidade era entendida por esses negros como um apanágio da civilização ocidental, mas também é verdade que a apropriação dos símbolos ocidentais se operou seletivamente, com os freqüentadores dos clubes negociando o que era conveniente para a construção de uma identidade racial positiva. A intenção era antes rejeitar um estilo de vida considerado bárbaro, primitivo e selvagem e, em seu lugar, revelar-se instruído, evoluído, refinado e conectado com as últimas tendências em termos de sofisticação comportamental. Para tanto, não havia receitas ou bulas prévias. Afinal, as identidades raciais não são dadas, fixas e imutáveis, mas, isso sim, construídas dinamicamente, dentro do grupo e na interação com os outros grupos, por meio de elaborações e reelaborações permanentes e conforme o contexto, momento e lugar.

Portanto, os freqüentadores desses clubes não eram negros de “alma branca”, conquanto “homens e mulheres de cor” que, sem alienar-se de seus símbolos diaspóricos, inventaram uma forma de ser negro e moderno, simultaneamente. Não cabe ao historiador

⁷ *O Kosmos*. São Paulo, 18/05/1924, p. 2.

julgar de “certo” ou “errado” o comportamento desses indivíduos, mas reconhecer que, à sua maneira, eles se afirmavam como civilizados, na medida em que demonstravam notável capacidade de criar e manter clubes num ambiente de altivez, elegância e brilho, o que talvez tenha contribuído para redefinir, no pós-abolição, a imagem negativa do negro na sociedade. Personalidade e vontade própria não faltaram para esses sujeitos que, diante de condições bastante adversas, escolheram um estilo de vida que avaliavam ser o mais eficaz no esforço emancipatório de respeitabilidade, reconhecimento e honorabilidade. É importante reforçar essa idéia: em vez de embranquecerem, esses negros queriam adotar os códigos de conduta vistos como civilizados e utilizá-los a seu favor, sem contudo abrirem mão dos sinais diacríticos – o orgulho de ser negro, a valorização de sua história, o culto aos heróis afro-brasileiros –, sinais demarcadores das fronteiras da alteridade.

Segundo José Carlos Gomes da Silva (1990:109), os bailes dos negros ocorriam devidos, principalmente, às trocas simbólicas: informações, fofocas, congratulações, discursos, danças, valores, etc. que circulavam nos salões contagiados pela música e pelo clima de descontração e alegria. Faz-se necessário problematizar essa explicação. Na perspectiva dos negros, o baile não tinha um, mas múltiplos e diferentes significados: para alguns, principalmente para as pessoas solteiras, era um lugar onde se fazia novas amizades, ouvia-se música, dançava, flertava e bebia; para outros, sobretudo para as pessoas casadas, o baile era um lugar onde se podia ostentar um comportamento ilibado, baseado na preservação da família, da moral e dos bons costumes. Tinham aqueles que, combinado ao capital simbólico, ostentavam poder aquisitivo derivado da ascensão social, por meio dos trajes, dos calçados e acessórios suntuosos, dos penteados modernos, etc. Os bailes eram antes *locus* de diversão, seja para dar vazão às agruras da vida, seja para comemorar as conquistas obtidas. Mas se deve evitar as abordagens esquemáticas. Congregando pessoas de diferentes origens, perfis e interesses, os bailes provocavam um verdadeiro efeito hipnótico nos negros. Todos se deleitavam, bem como se sentiam envaidecidos nos bailes, pois sabiam que estavam num lugar onde seu charme seria notado, sua beleza reconhecida e suas potencialidades valorizadas. Ainda tinham aqueles negros – pouco, é verdade – que viam nas reuniões festivas um negócio. Eram os pequenos empresários. Antes de se divertir, estes indivíduos miravam a potencialidade comercial dos bailes, preocupando-se, assim, com a arrecadação da bilheteria, com a movimentação do bar, com o cachê da banda musical, com os gastos referentes ao aluguel do salão, à decoração e aos empregados.

De toda sorte, esse clubes e bailes permitiram que os negros agenciassem laços de sociabilidade, desenvolvessem o orgulho racial, protagonizassem sua história e se enredassem

numa troca de experiências e referenciais no interior do próprio grupo. Analogamente, permitiram aos seus frequentadores experimentarem a dimensão da vida pública num dos poucos espaços onde o preconceito não se apresentava como um limite. Com isso, puderam superar a dimensão privada da vida familiar e exercitar, no âmbito dos seus clubes e bailes, a condição de homens públicos. Em outros termos, esses clubes e bailes possibilitaram aos negros vivenciarem, ao menos na esfera do entretenimento, algo que eles não poderiam desfrutar em vários estabelecimentos da cidade, pois não era qualquer pessoa que poderia frequentar determinados clubes, bares, cafés e bailes. Portanto, a história dos clubes e dos bailes de negros foi, também, uma resposta à “linha de cor” da cidade de São Paulo.

Mas não é só isso que explica o incrível número de sociedades recreativas e dançantes que emergiram naquela época. Também se deve considerar a tradição de vida associativa e as expectativas de autonomia do negro. Por esse ângulo, os clubes e bailes foram expressão do desejo de autodeterminação da “população de cor”, de sua escolha consciente por instituírem espaços próprios, onde pudessem participar da vida pública e cultural da cidade, mesmo que isso implicasse em se manter nos limites de sua fronteira étnica.

Referências bibliográficas

- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*, São Paulo, n. 2, 1951, pp. 50-78.
- ____ e BERGHE, Pierre van den. Estereótipos, normas e comportamento inter-racial em São Paulo.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- BUTLER, Kim D. *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Ed. Senac, 2004.
- ____. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, Ed. FFLCH-USP, 1986. (Coleção Antropologia, nº. 13).
- GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- LEITE, José Correia. *...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Organizado por Cuti. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MAUÉS, Maria Angélica Motta. *Negro sobre negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras*. 1997. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOREIRA, Renato Jardim. Brancos em bailes de negros. *Revista Anhembi*, São Paulo, n. 71, vol. XXVII, 1956, pp. 274-288.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. 1993. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilização política. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 42, 1983, pp. 1-16.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Os sub urbanos e a outra face da cidade – Negros em São Paulo (1900-1930): cotidiano, lazer e cidadania*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *Visibilidade e respeitabilidade: a luta dos negros nas associações culturais e recreativas de São Paulo (1930-1968)*. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

TRINDADE, Liana Salvia. O negro em São Paulo no período pós-abolicionista. PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade de São Paulo na primeira metade do século XX (1890-1954)*. Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra.